

Gramsci e a emancipação do subalterno. Marcos Del Roio, São Paulo: UNESP, 2018; por Claudio Reis, professor de Teoria Política da UFGD e Membro da IGS/Brasil.

Este novo livro de Marcos Del Roio chega ao leitor num momento singular da história brasileira. Momento em que é nítida a movimentação político-cultural das classes dominantes, objetivando ataques cada vez mais violentos às classes subalternas. As consequências dessa ação se desdobram nos mais variados momentos da vida social. A dimensão teórica, sem dúvida, é um deles. Por esse motivo, deve-se ter ainda mais certeza quanto ao necessário posicionamento político-ideológico por parte dos estudiosos e pesquisadores.

Os ataques direcionados a áreas inteiras do pensamento filosófico e científico, organizados por concepções bizarras do mundo, exigem uma defesa intransigente do rigor e das premissas básicas da construção do conhecimento. Mesmo tendo uma robusta “parede cultural” no espaço superestrutural – garantindo a sobrevivência das enormes conquistas do pensamento humano, ao longo dos séculos – deve-se sempre garantir a sua manutenção. Cada esforço, individual ou coletivo, nessa direção, é fundamental.

O movimento restaurador, em andamento no Brasil, sinaliza a necessidade de se manter o já grande volume de publicações, debates e críticas no campo das ideias. Obviamente que esse cenário está organicamente vinculado à vida política imediata, às esferas de poder, ao Estado e à economia. A luta que se trava nas chamadas superestruturas está cimentada nas estruturas da sociedade. Grande parte dos fragmentos vulgares de ciência, da criação artificial de fatos históricos e das concepções religiosas fundamentalistas – que atacam todo um conjunto de riquezas filosóficas e científicas da nossa nacionalidade – também visam redirecionar, forçosamente, os rumos econômicos do país.

Antonio Gramsci, nesse momento restaurador da sociedade brasileira, é, explicitamente, um dos principais alvos. Olavo de Carvalho, o principal intelectual orgânico do atual retrocesso cultural, é um antigo opositor das ideias gramscianas. Mesmo fundado apenas em fragmentos teóricos, suas ideias acabaram se tornando ideologia oficial do Estado. E parte desta sua contrarreforma intelectual e moral está assentada em suas formulações críticas ao pensador italiano. Tendo um alcance significativo sobre as massas, essa contrarreforma busca comprimir ao máximo toda a riqueza do pensamento de um dos principais autores do século XX.

Interessante notar que Gramsci é um autor sempre necessário de ser superado em períodos restauradores, principalmente quando assumem características fascistas. Foi assim em sua época, está sendo agora entre nós brasileiros.

Diante disso, é sempre muito importante destacar as publicações acerca da obra e do pensamento de Antonio Gramsci. Hoje, assim como em outros momentos históricos, preservar o rico conjunto de formulações desenvolvidas pelo autor é um importante ato político. Uma ação em defesa de uma sociedade justa, plural e radicalmente

democrática. Assim, a importância do livro de Marcos Del Roio também deve ser enquadrada dentro desse contexto histórico-cultural.

Marcos Del Roio, em seu novo trabalho, publicado pela Editora Unesp, desenvolve um conjunto amplo de questões sobre a obra de Gramsci, ressaltando tanto os momentos marcados pela militância política, quanto o período da prisão. Além disso, busca ressaltar as influências que o italiano teve de outros autores marxistas, como Rosa Luxemburgo e Lenin, para poder desenvolver suas próprias formulações.

De modo mais específico, Del Roio aborda temas como autogestão, educação popular, hegemonia, revolução passiva, jacobinismo, intelectuais, partido político e a tradução feita, para o Brasil, de algumas categorias gramscianas. A temática do subalterno também está destacada no texto, além de estar no próprio título do livro. Na verdade, o esforço do autor, é tentar, a partir das lentes gramscianas, expor a complexidade que envolve a relação entre as classes dominantes e os subalternos. Descortinar as dinâmicas específicas que envolvem a luta de classes, obviamente tendo como cenário histórico-nacional a Itália, mas que tende a se elevar a uma dada universalidade político-social. De certo modo, “a emancipação do subalterno”, presente no título, surge também como um chamado a tomada de partido pelos explorados.

Apesar da inquestionável riqueza do pensamento de Antonio Gramsci e de toda a sua contribuição para o desenvolvimento das ciências humanas, cabe salientar, por sua vez, que é sempre necessário um olhar crítico sobre sua obra. Nada mais gramsciano do que uma postura não sectária sobre o conhecimento. O próprio autor, em seus cadernos carcerários, alertava, senão aos seus futuros leitores, à sua própria dignidade e ao respeito pelo rigor analítico que, em determinados pontos de suas formulações era necessário “rever” suas exatidões. Por não possuir os originais em mãos, Gramsci sabia que poderia incorrer em erros.

Essa postura nos obriga a ler Gramsci de modo sempre livre do sectarismo. E, da mesma forma, faz-nos dialogar com seus estudiosos.

Marcos Del Roio é um pesquisador de longa data da obra gramsciana. E sua contribuição ao debate brasileiro acerca do autor italiano é amplamente reconhecida. A sua leitura sobre o pensamento de Gramsci teve, e continua tendo, forte influência entre os “tradutores” da obra gramsciana para o Brasil.

Os apontamentos apresentados aqui, objetivando o debate, buscarão assentar as formulações do autor brasileiro, em questões aparentemente ainda não resolvidas pela teoria marxista – o que, de certo, inclui Gramsci.

Um primeiro ponto que pode ser colocado em discussão está relacionado ao próprio título do livro “Gramsci e a emancipação do subalterno”. Sem dúvida, Gramsci foi um incansável militante da emancipação dos explorados, de todas as classes e grupos sob dominação dos representantes do capital. A sua convicção na vitória das classes trabalhadoras, mesmo nos momentos mais obscuros e desfavoráveis, é algo sempre a destacar.

Entretanto, após 100 anos dos seus primeiros escritos, passados o século XX e as duas primeiras décadas do XXI; após todas as derrotas das classes trabalhadoras e dos grupos

subalternizados em todo o mundo, ainda sim, é possível falar afirmativamente em “emancipação do subalterno”? Será mesmo que as inúmeras contradições, novas e velhas, criadas pelo capitalismo, ainda apontam para uma emancipação humana? Certamente, como processo sempre aberto, a história continua sinalizando para essa possibilidade, no entanto, quais são as reais chances dela se concretizar?

Tentar não apenas manter viva essa esperança, mas, sobretudo, indicar efetivamente como realiza-la, parece ser um dos grandes desafios dos movimentos antagônicos ao sistema. A emancipação dos subalternos não será um ato natural, e nem sobrenatural, mas humano – com todos os problemas que isso envolve. Daí a sempre reveladora pergunta: pode o subalterno se emancipar? Se sim, como? Se não, por que? Tais perguntas nos ajudam a desnaturalizar o processo da história que, por sua vez, nos possibilita visualizar determinado futuro de emancipação da humanidade.

Talvez, hoje, mais do que no passado, seja vital identificar e alterar a realidade efetiva das coisas, como diria Maquiavel. Devido ao radical avanço das forças do capital e do seu grau de destruição planetária, é fundamental não esperar que a mudança parta de uma lei, natural ou sobrenatural. Portanto, questionar-se sobre a “emancipação do subalterno” não é ato de imobilismo e pessimismo irracional da inteligência, mas busca para encontrar os pontos existentes na realidade que de fato demonstram essa possibilidade.

Esses parecem elementos importantes para se efetivar um processo de tradução da obra de Gramsci, para os dias atuais.

No âmbito deste processo, a abordagem do debate com Rosa Luxemburgo é um dos elementos muito interessantes do livro de Del Roio. A revolucionária alemã é, sem dúvida alguma, uma grande representante do materialismo histórico. A sua produção teórica, assim como a sua ação política, representa grande patrimônio das populações exploradas pelo capitalismo. Pode-se destacar, todavia, certos pontos das suas reflexões que merecem algumas indagações. Em seu texto de 1900, *Reforma ou revolução?*, a autora polemiza, no interior do Partido Social-Democrata Alemão, com as teses defendidas por Eduard Bernstein quanto aos “meios de adaptação” do capitalismo diante de suas próprias contradições.

Rosa Luxemburgo, em seu texto, afirma que Bernstein havia tornado a reforma o *fim* da luta dos trabalhadores e não o *meio*. A revolução, como forma de construção do socialismo, havia desaparecido. Isso devido, na leitura do dirigente e teórico do SPD, à capacidade do capitalismo em superar suas crises e se aperfeiçoar, de um lado, e da possibilidade do movimento operários, por meio de suas instituições, ocuparem e transformarem os espaços de poder da burguesia, de outro. Diante dessa leitura, Rosa Luxemburgo é francamente contrária.

Por falta de espaço, aqui não será possível o aprofundamento desse debate, restando apenas realizar a seguinte interrogação: é possível afirmar que houve, em Rosa Luxemburgo, uma subestimação de parte do movimento operário e revolucionário do século XX, quanto à capacidade de adaptação do capitalismo às novas situações históricas?

Essa parece ser uma questão central para a filosofia da práxis, na atualidade, e que não foi colocada na obra de Marcos Del Roio. Rever esse debate, entre a revolucionária e o reformista, mais que assumir a defesa da primeira, deve-se ponderar, à luz do século XX, as teses do segundo. Os movimentos em luta pela emancipação humana não podem subestimar a capacidade do capital de se adaptar aos cenários mais adversos.

A falência terminal das forças do capital atualizada pela noção de “crise estrutural”, pode ter como consequência, para a luta política, o imobilismo. Reconhecer a crescente complexidade em que se encontra a atual fase das contradições do capitalismo é perceber que a sua força reprodutiva é sempre renovada.

É justamente nesse momento que Gramsci visualiza uma luta bastante longa e não linear entre as forças antagônicas existentes na ordem capitalista, distanciando-se das leituras catastróficas. Esse parece ser um ponto importante a ser debatido atualmente.

Mesmo que em momento posterior ao *Reforma ou revolução?* Rosa Luxemburgo tenha reconhecido a necessidade de se travar uma luta contra a burguesia de longa duração e Gramsci ter seguido seus passos, o debate não parece estar completamente superado. Marcos Del Roio desenvolve profundamente esse aspecto duradouro da luta contra as forças do capital, principalmente em seus três primeiros capítulos, e sobre isso está perfeitamente vinculado a ambos os autores. Talvez o problema tenha sido fazer referência ao debate anterior entre Rosa Luxemburgo e Bernstein sem problematizá-lo devidamente.

Outro ponto sensível da teoria de Gramsci e que diz respeito à possível emancipação do subalterno corresponde à relação entre intelectual e classe social. Esse é um aspecto fundamental do atual cenário das lutas populares. Gramsci, ao analisar o capitalismo de sua época, identificou formas específicas de intelectuais que desempenham funções diferentes, mas todas fundamentais para a manutenção ou superação de determinada ordem social.

Por meio das dimensões da educação e da hegemonia, Del Roio desenvolve como Gramsci formula a relação intelectual/classe, principalmente no que se refere aos subalternos. Identificar, hoje, os meios para avançar na direção de uma efetiva relação intelectual/povo é tarefa central da teoria política marxista. Deve-se ponderar, porém, que Gramsci, mesmo fundamental para essa reflexão, não resolveu definitivamente o problema. Ao contrário, deixou uma série de aberturas e de possibilidades de pesquisas e indagações, especificamente sobre essa questão. Ainda que construa uma rica argumentação sobre a relação intelectual/classes subalternas em Gramsci, Del Roio não avança para além daquilo exposto pelo próprio autor italiano.

Para superar a postura pedante ou burocrática dos dirigentes das classes trabalhadoras, Gramsci defende uma relação orgânica entre ambos, direta e democrática. Para tanto, o autor italiano sugere, mas não aprofunda, a necessidade de se construir uma nova concepção ético-cultural para os intelectuais. Concepção que garanta o respeito à visão de mundo do subalterno sem, no entanto, render-se ao seu particularismo cultural. Marcos Del Roio desenha muito bem esse quadro inicial de Gramsci, mas não avança. Identificar as características dessa concepção ético-cultural na qual deve se fundamentar

a educação dos dirigentes e intelectuais, perante as classes e os grupos subalternos, é tarefa central para os atuais estudos gramscianos.

Resolver esse problema, colocado pelas formulações de Gramsci, é ponto elementar para a construção de uma consciência de classe elevada entre o educador e o educado. Além do mais, é peça importante para a formação de uma hegemonia libertária dos subalternizados.

Del Roio aborda tais temas nos capítulos 5, 6, 7 e 8. Cada um destacando algumas particularidades. No caso da formulação gramsciana sobre a nova hegemonia, o autor busca reforçar a sua dimensão material, inserindo as relações de produção na base do mundo original e integral da vida cultural das classes subalternas. Esse destaque é sempre importante para retirar qualquer possibilidade de leituras idealistas sobre o autor italiano. Por outro lado, é também indispensável salientar as particularidades que marcam a dinâmica do mundo das superestruturas. Do mesmo modo, deve-se tomar os devidos cuidados para não elegermos, a priori, qual dimensão tem mais peso ou importância para o mundo social. Gramsci resolveu perfeitamente esse dilema, com o desenvolvimento do conceito de *bloco histórico*. Nele está contido, de modo indissociável, as duas dimensões da vida humana, isto é, a material e espiritual. Buscar um “fim último” da construção da hegemonia nas relações de produção, como tenta indicar Marcos Del Roio, pode levantar um falso debate acerca da relação estrutura/superestrutura em Gramsci.

O poder das ideologias não pode ser subestimado, nem mesmo forçar uma relação mecânica com a dimensão da produção material da vida. Na época de Gramsci, o nacionalismo moveu poderosamente a realidade. Hoje, do mesmo modo, a fúria ideológica de determinados setores não só consegue alterar materialmente a sociedade, como comprimir a estrutura das relações sociais.

Negar a necessidade de lutar energeticamente no campo das superestruturas, em nome de outra batalha no interior dos espaços da produção material, pode ser um grande equívoco histórico.

Ao se dedicar ao entendimento profundo das inúmeras complexidades que caracterizam o universo da consciência dos indivíduos, dos grupos e das classes sociais, Gramsci reconhece a sua centralidade para o conhecimento da própria sociedade. Demonstrou a possibilidade de realizar tal procedimento, sem se inserir no campo do idealismo. Esse parece ser um ensinamento rico e bastante necessário para os dias atuais.

Num momento em que parte dos movimentos de lutas emancipatórias, fundadas no marxismo, ainda se recusa a aceitar a centralidade das novas formas de organização político-cultural, as indicações gramscianas são da maior relevância. Ainda que existam concepções organicamente ligadas às novas expressões de lutas contrárias à filosofia da práxis – isto é, negam a importância da classe e da economia – não se pode afirmar, automaticamente, que os encontros dos próprios sujeitos sejam desprovidos de importância. Muito pelo contrário, as lutas efetivadas pelos movimentos negro, feminista, LGBT, indígena, entre muitos outros coletivos, são extremamente eficazes na atual luta contra a barbárie.

Del Roio reconhece a possibilidade de se estar nascendo um “novíssimo” sujeito contestador, encarnado nas atuais formas de lutas que não se reduzem aos enfrentamentos classistas – o que, em sua leitura, pode, por sua vez, apresentar algumas limitações. Todavia, à medida que tenta definir um “fim último” para hegemonia de Gramsci, corre-se o risco de negar o significado das atuais experiências de combate às injustiças sociais. Injustiças muitas vezes identificadas fora das relações de produção, mas que, nem por isso, o seu enfrentamento deixa de apresentar uma poderosa energia transformadora.

Certamente, o aparente abandono da luta de classes, como referencial teórico-político, para a construção das necessárias fortificações contra a reprodução capitalista, pode limitar e prejudicar uma efetiva ruptura com a ordem das coisas, porém, não se pode negar o conteúdo emancipatório contido em tais formas de contestação.

Deve-se identificar o grau de inserção das novas formas de combate no interior da organização da classe trabalhadora. Qual o grau de influência do feminismo sobre a classe? Essa é uma interrogação que ainda precisa ser respondida. Ainda não se sabe exatamente como a disseminação dessas formas de luta, por toda a sociedade, está sendo assimilada pelo momento classista da vida. Do mesmo modo, não se sabe quais sínteses esse processo pode gerar. O devir esconde as originalidades históricas.

A crítica ao chamado movimento pós-moderno está presente no texto de Del Roio. Em alguns momentos do livro, afirma-se que o pós-modernismo se alimenta da fragmentação cultural, na qual estão imersos os subalternos, postura oposta ao pensamento de Gramsci que busca justamente a superação de tal estado de coisas. Não há dúvida quanto a esse elemento do pós-modernismo e, do mesmo modo, quanto ao pensamento gramsciano. De forma geral, muitos marxistas já realizaram inúmeras críticas a tal movimento.

Entretanto, há algo a ser ainda explicado, isto é, por que os pós-modernos conseguiram forte aceitação junto aos novos sujeitos da luta político-cultural? Por que o entendimento classista da realidade foi relegado a um plano secundário? Essas são perguntas que precisam ser respondidas. Deve-se melhor entender os motivos que colocaram a filosofia da práxis nessa situação. Perda de capacidade explicativa ou equívocos no seu processo de tradução à realidade contemporânea?

Fazer a crítica aos defensores do fim dos grandes projetos emancipatórios é fundamental para uma efetiva luta contra o capital, porém, é necessário também identificar quais foram os seus acertos.

Nos dois últimos capítulos, o 9 e o 10, Marcos Del Roio desenvolve o conceito de revolução passiva, na tentativa de ler a realidade global e brasileira. Apesar de trazer questões importantes para se pensar a atualidade internacional e nacional, não as abordaremos aqui, deixando apenas o convite para que os leitores dialoguem com suas reflexões. Do mesmo modo, recomentamos a leitura das formulações sobre Lenin e o jacobinismo, presentes nos capítulos 3 e 4.

Em linhas gerais, os apontamentos realizados aqui tiveram como objetivo suscitar apenas alguns diálogos que podem contribuir com o atual cenário de lutas dos subalternos.

O livro de Marcos Del Roio, nesse sentido, traz uma enorme contribuição. Não só por fortalecer o papel de destaque no qual se encontra Gramsci diante das tensões políticas e sociais da realidade brasileira, como por provocar diversas reflexões importantes para a construção de projetos alternativos à barbárie capitalista.

Na verdade, algumas problematizações feitas aqui dizem respeito a um espectro amplo da teoria marxista. Temas que nos parecem ainda não totalmente resolvidos.

Diante não só da urgência, mas também da dificuldade, nas quais se insere a luta por emancipação real da humanidade, o entendimento minucioso e correto da realidade é cada vez mais indispensável. Apesar dos clássicos, e Gramsci é certamente um deles, contribuírem imensuravelmente para o esclarecimento do mundo em que vivemos, determinados fenômenos somente serão realmente explicados pelos nossos esforços – individuais e coletivos.

O grau de complexidade apresentado pela realidade contemporânea é original, nunca visto antes. Nos últimos 30 anos, não só na sociedade brasileira, mas de fato em todo o planeta, o nível de mudança ocorrido seja no âmbito das forças produtivas, seja na dimensão intelectual e moral, é assustadoramente elevado. Esse dado nos obriga a saber e a sentir, de forma cuidadosa, a vida vivida.

Resgatar os clássicos da filosofia da práxis deve respeitar tanto a prioritária defesa de seus quadros teóricos quanto a tentativa de transformá-los em força política efetiva. É com esse objetivo que Marcos Del Roio apresenta seu novo trabalho e, justamente por isso, merece a atenção dos pesquisadores, dos militantes e dos preocupados em geral com a libertação dos subalternizados.